



Apresentação

Como o cinema compartilha suas experiências e processos criativos de modo a ampliar não apenas o campo de suas possibilidades estéticas mas também refletir sobre o estatuto da produção de imagens visuais, sonoras, cinéticas, respeitando-se o legado ético de sua condição experimental? Essa é a pergunta que os artigos do presente número de *Significação* sugerem como motivação para se tratar de um conjunto amplo de relacionamentos, atravessamentos, resgates e trocas.

Começemos com o encontro do cinema com a literatura e as redes de relacionamentos do mundo virtual que foram alvo da análise de Ismail Xavier no artigo “O nome próprio, a tela-espelho, o corpo-palavra e seu duplo”, centrado no filme *Nome próprio* (Murilo Salles, 2007). Ao acompanhar o ponto de vista de uma jovem escritora num tecido narrativo, que entra em conflito com telas luminosas mas que já se aterrorizara antes com páginas brancas de papel, Xavier observa os rompantes da jovem personagem, sua escrita corporal e visceral que se confunde com suas interações passionais e com as pessoas de seu convívio, das redes sociais por onde navega, das ruas e espaços por onde transita. Literatura, cinema e comunicação digital formam a tríade da busca e do atravessamento entre nomes, corpos e telas que se espelham. Trajetória que não é estranha à análise de *Elena* (Petra Costa, 2012) tal como Emanuella de Moraes e Marynise de Oliveira desenvolvem em “Fios emaranhados: (des)enlaces biográficos no documentário *Elena*”. Aqui a análise das memórias da irmã compõem a “cartografia” que a diretora traça com “fios emaranhados” da relação entre o documentário e a biografia.

Saindo do universo subjetivo e individual, encontramos a temática do cruzamento perpassar as relações que o cinema desenvolveu acerca dos nada simples conceitos de “povo” e “raça”. Em “Visões e construções sobre povo e raça no campo cinematográfico brasileiro dos anos 1950: as teses de Solano Trindade e de Nelson Pereira dos Santos”, Pedro Lapera examina como o ideário construído por Gilberto Freire se torna premissa de um cinema que elabora imagens identitárias de seu povo construindo possibilidades que alimentam a própria imagística do cinema. Um processo de criação guiado pela experimentação de



teses que se tornou um forte legado a unir a crítica ao processo criativo do século XIX. Nisso o artigo não está sozinho. Ainda que ambientado no contexto do seriado cinematográfico do século XX, “Os mistérios da cidade moderna: a propósito de *Os Mistérios de Nova York* (1914) e seus congêneres brasileiros”, mostra como Danielle Carvalho recupera o folhetim que, antes do cinema, foi publicado em páginas de jornais, quando a imaginação criativa de Eugene Sue oferece a seus leitores esse que foi uma das primeiras produções do cultura de massa, o folhetim *Os mistérios de Paris*. A longevidade de um gênero não deixa de evidenciar a pertinência de suas articulações para o escoamento da produção atual. Nesse sentido, o cinema revela-se espaço de resistência estética, política, ideológica, tal como Ana Laura Lusnich aborda em seu “Resistência política e ficção cinematográfica: Argentina 1976-1989”, ao considerar a produção fílmica argentina do período final e na etapa subsequente de pós-ditadura militar, quando a produção de “filmes alegórico-metafóricos” cumpre o papel de reflexão dos embates que affligiam a vida pública.

O foco em procedimentos que sustentam a produção de gêneros estéticos e com eles se confundem abrem caminho para a análise das imagens fílmicas também em sua produção técnica. “En la narración cinematográfica en la era de la imagen digital”, Nicolás Bermúdez e Domín Choi examinam como os dispositivos tecnológicos de produção da imagem digital são explorados de modo a permitir uma reflexão sobre o estatuto ontológico das imagens cinematográficas. Num outro contexto fílmico, mas seguindo o viés de reflexão sobre o estatuto dos processos de construção da imagística audiovisual, Mariana Baltar situa em “Atrações e prazeres visuais em um pornô feminino” o “excesso” e as “atrações” como conceitos estratégicos para a análise do “engajamento e afetação no campo da pornografia que desestabilizam morais tradicionais em direção a uma política de gêneros”. Porque se orienta não apenas pela visualidade, a imagística audiovisual dos filmes analisados ousam buscar a motivação em domínios pouco explorados. Em “De dia Deng Xiaoping, de noite Deng Lijun: música e memória em plataforma”, Cecília Melo examina como o universo da música pop em mandarim pauta o filme urbano do cineasta chinês Jia Zhang-ke. As canções pop que criam uma dissonância com as canções revolucionárias da cultura oficial não apenas transformam a paisagem fílmica mas oferecem a memória autoral num outro registro criativo.



Também como modificação ambiental de uma condição audiovisual é possível dimensionar em “Tessituras temporais em jogos pervasivos”, em que Thaiane Oliveira submete a análise fílmica à temporalidade do jogo de modo a compor um articulação estética no ambiente digital. Contudo, nem sempre a paisagem do imaginário se alimenta de visualidades. Em “Da atualidade do pensamento de Peirce”, Júlio Pinto se volta para as produções de audiodescrição de materiais audiovisuais cada vez mais presentes em museus e espaços artísticos de modo a integrar a participação e compartilhamento de não-videntes. Partindo de premissas semióticas, Pinto examina a plasticidade de atividades neuronais no seu processo de construção do mundo empírico que o cerca.

Caminho analítico que nos conduz a um dos temas mais caros da crítica cinematográfica que é a relação entre ilusão e realidade que Eduardo Escorel explorou em sua aula-magna desenvolvida aqui sob forma de ensaio no texto “Em torno da ilusão”. Ao submeter a análise de processos como a produção do movimento fílmico e a articulação de fragmentos em montagem ao contexto da prática documental, o cineasta enfrenta a difícil tarefa de preservação do estatuto ético da prática documentarista no uso de uma linguagem articulada pela ilusão do movimento.

Como se pode observar nesse pequeno esboço dos artigos que compõem esse novo número de *Significação*, a preservação de um núcleo analítico fortemente concentrado na análise fílmica abriu caminho para deixar escoar não apenas as problemáticas cinemáticas mas os embates de atravessamentos estéticos, políticos, culturais, ideológicos, científicos, éticos com os quais a experiência do cinema continua a dialogar, interagir e dividir descobertas. Agradecemos aos colaboradores que ofereceram seus textos que podem ser compartilhados por todos nós num raro momento de leitura e reflexão.

Eduardo Morettin

Irene Machado